

CAMINHAR(ES)

Movimento e aprendizagem em Tim Ingold



WALK(INGS)

Movement and learning in Tim Ingold

Gustavo Guedes Brigante

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Departamento de Ciências Sociais | São Paulo, Brasil

gustavo.guedes.brigante@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-3052-6682

Mariza Martins Furquim Wernek

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Departamento de Ciências Sociais | São Paulo, Brasil

marizawerneck@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-1083-1169

Resumo

O ensaio objetiva, sobretudo a partir de Tim Ingold, considerar as implicações ecológicas do caminhar, isto é, das implicações surgidas na relação organismo-meio no contexto e fluir desta ação. Evocando uma etnografia do caminhar dos Van Gujjar e, outra, dos caminhos e histórias dos Tłichq̓, o ensaio segue os contrastando com o caminhar urbano caracterizado por Goffman e Kawada. Evidenciando que a emergência das cidades modernas e os ritmos acelerados da vida urbana contemporânea operaram diversas inversões nas lógicas e maneiras do caminhar apresentadas nos exemplos etnográficos mencionados, o ensaio argumenta que tais processos impactaram de maneira danosa não apenas a 'proceduralidade' do caminhar, mas, consequentemente, a compreensão do que é 'habitar'.

Palavras-chave

Caminhar; Organismo; Ambiente; Movimento; Aprendizagem.

Abstract

The essay aims to discuss the ecological implications of walking, considering Tim Ingold's perspective. Namely, the implications in the organism-environment relationship along the context and flow of walking. Evoking an ethnography of Van Gujjar walking and, another, about the paths and histories of the Tłichq̓, the essay contrast them with the urban walking described by Goffman and Kawada. The emergence of modern cities and the accelerated rhythms of contemporary urban life led to several inversions in the logics and ways of walking of the mentioned ethnographic examples, the essay argues that such processes had a damaging impact not only on the 'procedurality' of walking but, consequently, the understanding of what it is to 'dwell'.

Keywords

Walking; Organism; Environment; Movement; Learning.



Intemperismo e movimento

O relógio marca cinco horas da tarde enquanto a escrita dessas linhas se inicia. O clima está enfadonhamente abafado e, após mais uma fortíssima chuva passageira, alaranjados raios de Sol voltam a entrar impetuosamente pela janela do quarto. Nestas condições, enquanto eu e minha garrafa metálica d'água tornamos a suar “aqui dentro”, as árvores e carros tornaram a secar “lá fora”. Hoje assim ocorreu sucessivamente. Contudo, ao passo em que, de modo geral, o interior do cômodo no qual me encontro pouco seja impactado com tamanha oscilação intemperística, o resultado para o descoberto quintal que o rodeia é bem outro.

Ao andar por ele após a chuva e observar atentamente as plantas, folhas, formigueiros e a terra, é possível notar inúmeros impactos ocasionados pela queda da água e sopro dos ventos: a terra torna-se parcialmente lamacenta; os formigueiros ficam relativamente erodidos e de passagens obstruídas; frutas, galhos, flores, folhas e, às vezes, mesmo ninhos caem e se espalham pela terra; nas árvores, algumas teias de aranha se desfazem parcialmente; poças de água se formam em áreas desniveladas do concreto; as altas grammas verticais curvam-se e formam uma espécie de forro verde sobre a terra molhada; algumas raízes ficam expostas, assim como as criaturas a elas agarradas e assim por diante. Da perspectiva do inseto a chuva traz uma radical renovação dos arredores, tudo se encontra abruptamente diferente. Resta, então, que redescubram ao longo de seus caminhos as novas características do ambiente.

Contudo, não são apenas esses eventos intemperísticos que reorganizam o entorno. Tão logo que a chuva cessa, formigas, caracóis, moscas, aranhas, taturanas, abelhas, tatuzinhos-de-jardim e afins voltam a voar e caminhar por entre as árvores, telhas, pedras, frutos e postes, traçando suas linhas ao longo da área descoberta do quintal, renovando os rastros que o vento e água varreram. As folhas, flores e lascas de gravetos serão cortadas e carregadas pelas formigas; as frutas serão consumidas por moscas, formigas, pássaros e afins; os galhos maiores serão levados por pássaros; as teias danificadas serão re-tecidas; o formigueiro será reparado e assim por diante. Essa imperiosa matriz de movimento garante o ritmo e

a contínua modificação da região compreendida nos limites do quintal. Esse complexo de idas e vindas das linhas de vida (organismos) e intemperismo (linhas de chuva, sol e vento) tecem um mundo que está sempre em formação, em perene devir. É esse mundo movediço, atravessado e entretecido por rastros de ventos e patas, que Ingold (2015) chama de “mundo-intempérie” [*weather-world*]¹.

Organismo-intemperismo

Estritamente falando, linhas de vida e linhas de intemperismo não formam uma díade, pois o próprio corpo é, também, um intemperismo orgânico; costurado incessantemente pelos fluxos contínuos de sangue, proteínas, oxigênio, bactérias, neurotransmissores. A própria fecundação que lhe dá origem se deve às intempéries de seus progenitores e do tempo. Disso decorre que o emaranhado de fluxos e caminhos traçados e entrelaçados é a condição e constituição de todo e cada organismo. Os seres não “são em”; eles “ocorrem ao longo” (Ingold 2010: 72). Da mesma forma que o

¹ Embora o conceito “*weather-world*” seja, no Brasil, geralmente traduzido como “mundo-atmosfera”, optamos por traduzi-lo como “mundo-intempérie”. Reconhecemos que a tradução mais frequente está de acordo com o dicionário e que, em português, o termo “intemperismo” talvez possa suscitar uma impressão de conotação negativa (se associado, por exemplo, com “mau tempo”). Contudo, pensamos que, também em português, o termo “atmosfera” talvez possa suscitar uma impressão de estaticidade, ao passo que “intemperismo” evoca, indubitavelmente, uma noção de intenso e emaranhado movimento contínuo. Ademais, o autor utiliza “*weather*” e “*atmosphere*” [atmosfera] como termos distintos (embora atrelados) e em momentos diferentes, preferindo “*weather*” para compor o conceito em questão. “Atmosfera” [*atmosphere*], para o autor, não designa tanto as linhas de movimento que costuram o ambiente, mas sim um domínio não-dual de fenômenos e cuja concepção permite escapar dos paradoxos inerentes às formulações dicotômicas como “corpo/ambiente”, “cultura/natureza” e “interno/externo”, que frequentemente baseiam, dentre outras, explicações sobre a percepção do ambiente. Neste sentido, por exemplo, a luz que vemos deixa de ser entendida como um fenômeno “natural” (“cósmico”, “externo”) ou “cultural” (“afetivo”, “interno”) e passa a ser entendida, de modo não-dual, como fenômeno “atmosférico”. “É precisamente nessa mistura do cósmico com o afetivo”, escreve Ingold (2015: 92), “que o céu é constituído como um fenômeno atmosférico”. “*Weather*”, por sua vez, não designa tanto o domínio (simultaneamente cósmico e afetivo) dos fenômenos, mas sim a matriz de movimento formada pelos polirrítmicos fluxos das linhas de crescimento e movimento que entretecem uma região, e da qual emerge uma experiência kairológica do tempo, isto é, assentada não na sucessão dos eventos (como seria a experiência cronológica), mas na contínua responsividade às sutilezas e surpresas do caminho (Ibidem.: 71).

vento não sopra, mas *é* o sopro propriamente dito (ou que o rio não flui, mas *é* o fluxo propriamente dito), o ser não tem um organismo, mas *é* o organismo (ou, de outro modo, a criatura não age, ela *é* sua ação). Nem eventos climáticos e nem criaturas são agentes, mas fascinantes “enxames de atividade” (Ibidem: 215) que se desenrolam e entrelaçam no cerne do contínuo processo generativo do mundo.

Este “enxame de atividade”, vale ressaltar, não diz respeito apenas às atividades do corpo em questão, mas também às atividades dos micro-organismos que o habitam. As bactérias com as quais fazemos simbiose “vivem em todas as partes da nossa pele e mucosas, chegando a bilhões de organismos, um número de organismos individuais maior do que o de células humanas individuais encontradas no organismo inteiro” (Damásio 2018: 159). Constatada tal magnitude, talvez possamos apreciar melhor a ideia de um “organismo-turbilhão” que, analogamente ao tornado, “não é uma bolha impermeável [...] mas a própria forma de um movimento” (Ingold 2015: 54).

Tais considerações, portanto, longe de se aplicarem apenas à vida cotidiana dos insetos que habitam o quintal que me rodeia, expandem-se para todas as direções. Todo organismo-turbilhão traça (e é feito de) linhas, fazendo surgir rastros por terra, ar ou água. Embora, no quintal, o rastro mais evidente às minhas sensibilidades seja a viscosa trilha deixada pelo caracol, na floresta, por exemplo, há um estonteante emaranhado de rastros que se revelam com facilidade aos adequadamente atentos e responsivos a eles. Dos rastros na floresta, contudo, talvez o mais durável e evidente (mesmo aos relativamente desatentos), sejam os caminhos e trilhas formados pelo constante passar de humanos. Humanos, assim como demais animais, imprimem pegadas que, por sua vez, eventualmente podem se transformar em caminhos bem definidos, dependendo da frequência com a qual são atravessados.

Entretanto, nem a trilha demanda apenas o pé para se sedimentar e nem o pé demanda apenas o chão para se sustentar. Ambos demandam ar. Segundo Brown (1978 *apud* Ingold 2015: 64), as trilhas demandam ar pois elas existem “em um nível estreito, próximo à superfície do chão, onde o vento e o intemperismo se movem, mudando a temperatura e inserindo informações na trilha”. Assim, de sua parte, a terra, longe de ser uma superfície passiva, homogênea, estanque ou

impermeável, é um ativo fractal de materiais em movimento. Os materiais se misturam, interpenetram e revolvem com o vento, de modo a sedimentar ou varrer os rastros das linhas de vida que foram traçadas em sua pele. Por sua vez, os pés demandam ar para se sustentar e caminhar simplesmente porque o ar se constitui como um meio vital sem o qual não há, segundo Gibson (2015 [1979]: 12-13), possibilidade de: visão, já que o meio gasoso, cheio de ar, não é opaco mas translúcido (o que facilita a passagem e onipresença da luz); audição, já que é passível de vibrações ao menor movimento; olfação, já que permite a rápida difusão química de substâncias e, assim, sua maior volatilidade; locomoção desimpedida, já que não oferece relevantes resistências ao movimento; e, obviamente, respiração, já que o meio gasoso em que vivemos é um meio, afortunadamente, constituído sobretudo de oxigênio.

Em contrapartida, apenas o meio não garante o caminhar ou o viver. Ambos requerem um organismo em atividade. Ao longo da respiração, o ar oxigena o sangue e se mistura com os tecidos do corpo. O fluxo respiratório faz emergir um ritmo específico através dos movimentos pulmonares de dilatação (inspiração) e retração (expiração), que, por sua vez, também afetam os movimentos e ritmos do sistema cardíaco (e vice-versa). O organismo, assim como o chão ou o ar, longe de ser uma entidade impermeável, se constitui como voraz turbilhão em constante movimento e entrelaçamento.

Aprender, caminhar, contar...

Todas as criaturas desenvolvem suas próprias habilidades de andar². Habilidades aprendidas e aprimoradas

² Se “andar”, tomado em sentido amplo, for entendido como um movimento de emissão adiante, não necessariamente performado através de passos, podemos dizer que toda criatura o faz. Utilizamos cotidianamente o sentido amplo da palavra quando, por exemplo, dizemos que “o carro está andando”. O mesmo pode ser dito dos peixes (que trilham a água), das raízes (que trilham a terra) ou das bactérias (que trilham o intestino), na medida em que todos esses traçam seus caminhos de vida nos (e ao longo dos) tecidos do mundo. Escrevendo sobre alguns dos padrões de ação que marcam a vida social das bactérias, Damásio (2018: 29) frisa que, mesmo sem mente, cérebro e nem mesmo núcleo, bactérias traçam seus caminhos de modo a manter a boa continuidade de sua homeostase, seja se afastando de intensas fontes caloríferas/se aproximando de fontes ricas em nutrientes, seja entrando em formação de defesa em conjunto com seus pares (genomicamente aparentados ou não). Já a respeito das raízes, com efeito, é forçoso dizer que tenham habilidades. Porém, a “inabilidade”

através do envolvimento atencional com o meio em que se encontram, com os companheiros que o rodeiam e com os ancestrais que os guiam. Deste modo, por exemplo, conforme compara o antropólogo Kawada (n.d. *apud* Ingold 2010: 40), enquanto os europeus andam com as pernas esticadas e movimentando os quadris, os japoneses (da primeira metade do século XX) costumeiramente andavam com as pernas ligeiramente curvadas, se apoiando nos joelhos e minimizando o movimento do quadril. Como nota Ingold, andar com os joelhos flexionados é muito efetivo para caminhar em terrenos acidentados e colinosos já que, além de abaixar o centro de gravidade (e, com isso, o risco de queda), previne tropeços. Quanto à educação do caminhar, contudo, a postura corporal não é o único aspecto que difere entre ambos. As próprias concepções e ritmos acerca do caminhar e seu ensinamento também variam. Enquanto os pais europeus, segundo o autor, buscam suprimir rapidamente o engatinhamento - o entendendo como mera fase evolutiva que deve ser rapidamente ultrapassada e de uma vez por todas -, não há tal ansiedade nem tal entendimento a respeito do desempenho motriz da criança por parte dos pais japoneses. Quanto a este assunto, escreve Ingold:

Tadashi Suzuki, uma das maiores figuras do teatro contemporâneo, escreve com aprovação sobre ‘a percepção de que nossas mãos também são nossos pés’, que vem, por exemplo, de limpar o chão com um pano de polimento. Uma criança que experimenta este tipo de movimento ‘limpa-chão’ [implicado no ato de engatinhar], ele observa, ‘irá entender, mesmo depois de ter crescido, que outras partes do corpo, que não os pés, podem ter um diálogo com o chão’ (Suzuki 1986: 21). Contudo, na medida em que as casas de piso de madeira estão cedendo lugar, nas cidades japonesas, para blocos de apartamentos internamente acarpetados, nos quais o chão de um residente pode ser o teto de outro, de estilo ocidental, e nos quais os assoalhos não são mais polidos com mãos e pés, mas aspirados de uma posição fixa, a outrora forte e positiva orientação em direção ao chão foi erodida (Ingold 2010: 41).

da raiz não exime o fato (comum a todos os seres) de que ela cresce em responsividade com o entorno, se estendendo ao longo de linhas de crescimento, cavando caminhos, se alocando em brechas e contornando obstáculos. Responsivas ao molde do vaso, as raízes do bonsai, por exemplo, não crescem para além de seus limites.

Nesse sentido, o caminhar não suscita um conhecimento apenas sobre o ambiente e as características do terreno, mas também em relação ao próprio corpo - como o reconhecimento da intercambialidade entre mãos e pés. Este é um notório exemplo de como as “partes” do corpo não carregam um uso predeterminado; ou, em outras palavras, um exemplo de que as maneiras pelas quais se usa esta ou aquela “parte” do corpo, longe de universalmente prescritas, se dão no improvisado do viver. Nem o pé, nem nenhuma “parte” do corpo e seus usos, são prefigurados. Ao longo da ação, como frisa Ingold (2000: 352), todas as “partes” do corpo, ao invés de “usadas”, são, simultânea e criativamente, “*trazidas ao uso*” - isto é, conforme detalha o autor, são criativamente incorporadas em um habilidoso padrão de ação, segundo a história de aprendizados e correspondências do aprendiz com o seu meio e mentores.

Essa educação, ademais, não diz respeito apenas ao incitamento de um específico regime atencional do caminhante em relação aos seus próprios ritmos e possibilidades performáticas. Ela implica, também, um contínuo engajamento e ressonância em relação aos ritmos daqueles que caminham ao seu redor. A este respeito, a antropóloga Pernille Gooch (2008) oferece instigantes relatos oriundos das aventuras andarilhas pelas quais passou, ao longo dos anos, ao lado dos Van Gujjar. Povo pastoral nômade que habita e transita ao longo das regiões dos Himalaias e da planície Indo-Gangética, os Van Gujjar caminham e viajam de acordo com o ciclo migratório dos búfalos que constituem seus pastos e com os quais crescem juntos. A caravana formada para a grande travessia migratória, das montanhas às planícies (e vice-versa), é composta por humanos, búfalos, bezerros, cavalos e cabras. Deste modo, ao longo dos meses subsequentes, todos eles caminham lado a lado³ até o final da travessia, sobre as trilhas e rastros de seus antepassados, assim como sob as mais diversas intempéries - que vão de trechos acidentados, carros velozes na estrada, calores intensos durante o dia e frios congelantes durante a noite, até perseguições, extorsões e obstruções promovidas pelo

³ Conforme a autora, é literalmente lado a lado que humanos e não humanos caminham nas caravanas, uma vez que os Van Gujjar não montam nos quadrúpedes com os quais viajam. Os cavalos carregam itens e mantimentos, não pessoas. Além disso, salienta Gooch (2008: 72), “crucial ao pastoralismo Van Gujjar são as fortes relações pessoais desenvolvidas entre cada animal e seus guardiões humanos, coisa que fica evidente pelo modo como os animais são tratados. Deve ser notado que os Van Gujjar são vegetarianos e que os búfalos morrem por velhice e não por execução”.

Estado, fazendeiros, ladrões da estrada e predadores. A travessia, como é de se imaginar, demanda o refinamento de uma série de artimanhas e uma contínua atenção recíproca entre todos os pés e patas.

Ao relatar a primeira travessia migratória que participara com os Van Gujjar, em 1992, Gooch comenta um incidente revelador: durante a travessia, os búfalos são organizados em grupos e cada qual fica sob os cuidados de um grupo de humanos. Sete eram os búfalos que ficaram sob os cuidados do grupo composto por Pernille Gooch, Sain Bibi e Manto. Em uma das madrugadas da travessia, contudo, amedrontados com o barulho e luz intensa de um caminhão que passava pela estrada, tanto os búfalos quanto Baccheru, uma bezerra que Sain Bibi havia nomeado e levado consigo, começaram a correr desordenados e fugiram em direções diferentes. Enquanto Sain Bibi e Manto foram atrás de Baccheru, Gooch ficou encarregada de retomar os búfalos, e assim ela escreve sobre a experiência daquela noite:

Deixada sozinha com os búfalos, preocupada e desorientada, eu tentei tratá-los como cabras, tomando o comando e tentando os fazer mover mais rápido. Mas logo eu percebi que tal esforço era inútil. Búfalos Van Gujjar não podem ser apressados; eles andam em sua própria velocidade. Eles podem ser virados em uma nova direção se adentrarem as fronteiras do campo de um fazendeiro para uma tentadora refeição, mas eles não podem ser dirigidos e não irão seguir. Você pode levar uma cabra para uma caminhada, mas, quando se trata de um búfalo, é ele que leva você ao longo do caminho (Gooch 2008: 70).

Experienciada que era em guiar rebanhos de cabras, Gooch percebeu que caminhar e ressonar com elas não é o mesmo do que com búfalos: enquanto cabras são ágeis, búfalos são lentos; enquanto cabras seguem atrás de seus guias, búfalos abrem o caminho e seus guias ficam na retaguarda; enquanto cabras são levadas, búfalos levam. Ou seja, toda essa série de simetrias opostas implica também uma série de atenções, habilidades e destrezas variadas. Portanto, a autora frisa, é necessário que o pastor perceba o mundo através dos olhos do rebanho e se movimente de acordo com suas particularidades. No caso das cabras que ela pastorava nas colinas suecas, escreve a autora, esse compartilhamento é uma “questão de entender seu ritmo de comer-e-andar, procurar por bons lugares para parar enquanto se move ao longo do caminho, e antecipar mudanças em seu ânimo segundos antes delas

ficarem impacientes e se moverem por conta própria e direção próprias” (ibidem: 73).

Vemos, então, que a educação implicada no caminhar compreende tanto destrezas, posturas e entendimentos do caminhante em relação a si mesmo, quanto refinamentos atencionais e ressonâncias em relação ao terreno e aos que caminham ao redor. Ainda há, contudo, mais um aspecto crucial da educação do caminhar que gostaríamos de ressaltar: a contação de história.

Escrevendo a respeito dos rastros e histórias que costumam o modo de vida dos Ṭḥcḥo, caçadores e coletores, habitantes do noroeste canadense, Alice Legat observa que “visitando, caminhando e realizando tarefas em um local, os indivíduos levam consigo algo do lugar e deixam um pouco de si. Ao fazerem isso, eles adicionam sua narrativa à de outros, enquanto refinam os mais profundos níveis de sua percepção”. As profundas relações dos Ṭḥcḥo com os lugares pelos quais passam e habitam, frisa a autora, “são iniciadas tão logo a criança ouve, pela primeira vez, as narrativas” (Legat 2008: 36).

Longe de serem narrativas cujo único intuito seja informar o ouvinte sobre as origens e desventuras de um lugar e daqueles que por ali passaram, as histórias contadas ao longo do caminho também revelam uma notória eficácia de orientação para aqueles que souberem ouvir. As histórias Ṭḥcḥo, conforme a autora e seus guias, servem para “pensar com”. Isto fica evidente em uma memória que Robert Makenzie, membro do povo Ṭḥcḥo, compartilhou com a antropóloga:

“Lembro a primeira vez que John B.⁴ levou os estudantes para Wekweètì⁵ sem Jimmy Martin⁶. John B. estava seguindo uma

⁴ John B. Zoe é o representante de Estado dos interesses Ṭḥcḥo em relação às questões de reivindicação de terra. Segundo Legat, John B. recebeu grande aprovação dos Ṭḥcḥo pois, antes de aceitar o cargo, ele andou pelas trilhas, lugares e histórias que entretencem a vida da região e seus habitantes. Este foi o mesmo motivo, aventa a autora, dos Ṭḥcḥo lhe terem aprovado e acolhido. Ela chegou a pé. Na perspectiva e experiência dos Ṭḥcḥo, “pessoas perigosas não andam; elas veem de Jeep” (Legat 2008: 76).

⁵ Trata-se de uma comunidade muito importante para os Ṭḥcḥo, localizada na região de Tsi’edaa.

⁶ Jimmy Martin é um notório ancião Ṭḥcḥo, profundo conhecedor e grande ensinador das histórias e trilhas. É neto de Mowhi, o primeiro Ṭḥcḥo a ser escolhido, por todas as regiões de seu povo, para ser o portavoz na Comissão Federal Canadense, “porque ele sabia, por meio de

trilha que ele nunca havia seguido antes, mas Jimmy havia dado a ele uma história para a trilha. Quando John B. percebeu que estava perdido, ele retornou até o lugar que sabia estar de acordo com a história. Então ele recomeçou o caminho, prestando atenção nas palavras de Jimmy. Ele tinha uma história para pensar com [*story to think with*]. Ele levou todos aqueles estudantes para Wekweèti” (Legat 2008: 44)

As pegadas e as trilhas deixadas pelo chão, conforme vimos anteriormente, são lavadas pelas chuvas e varridas pelos ventos. Além do mais, nem todos os materiais dos quais o chão é composto possibilitam pegadas e não é possível, por exemplo, marcar trechos totalmente rochosos com os pés. Por outro lado, as pegadas e trilhas surgidas no solo da memória não são erodidas por chuvas ou ventos. Essas pegadas e trilhas da memória e das histórias permitem não apenas a andarilha a caminhar e aprender pela extensão geográfica, mas também caminhar e aprender pela extensão temporal dos eventos implicados nas narrativas até os tempos imemoriais. Isso requer vagarosidade: andar e prestar atenção enquanto se pensa com a miríade de histórias que vão emergindo e fluindo de acordo com os lugares pelos quais se passa. Essas histórias contam sobre as jornadas dos ancestrais cujos caminhos agora são retraçados pelo aprendiz. Mais do que isso, como vimos, as histórias contadas podem revelar passagens e rotas em lugares sem trilhas visíveis! Deste modo, caminhar e narrar apresentam-se como atividades correlatas e, neste sentido, o aprender a caminhar vai muito além de aprender movimentos supostamente mecânicos com os pés, pernas e quadris. Ele se dá emaranhado a uma tecitura de narrativas que se entrelaçam umas com as outras, guiando o caminho e estabelecendo relações entre lugares, histórias e seres, dos quais a própria andarilha faz parte. Em outras palavras, a emergência de um caminho surge na imersão de um caminhante nos intemperismos do ambiente e da memória.

Embora assim seja, há pelo menos um caminhar que se faz buscando, o tanto quanto possível, *escapar* do ambiente, de suas criaturas e de suas histórias. Trata-se do peculiar caminhar europeu mencionado por Kawada (n.d.).

trilhas de viagem e histórias de caminhadas, o lugar ao qual os T̃h̃o pertenciam” (ibidem: 43).

Pé, passo e pavimento

A famosa imagem do suposto caminhar evolucionário humano, ainda hoje bem aceita, se inicia com um pequeno símio (entendido como ancestral comum) e, passando progressivamente por personagens intermediários, finaliza com um *homo sapiens-sapiens* (entendido como humano “anatomicamente moderno”). Em marcado contraste com seus encurvados “estágios anteriores”, o “humano moderno” é figurado como a criatura mais alta da fila, de postura perfeitamente esticada e cabeça erguida aos limites de seu corpo. Suas pernas, também em postura completamente retilínea, performam o passo mais largo. Assim, essa figura do humano “anatomicamente moderno”, vendida como universal, atesta uma criatura disciplinarmente ereta e cujos passos largos, inevitavelmente apoiados nos quadris, correspondem cirurgicamente à descrição de Kawada (n.d.) sobre a postura corporal e caminhar associados aos europeus.

Considerando o contraste frisado pelo autor - entre o curvado caminhar japonês apoiado nos joelhos e o ereto caminhar europeu apoiado nos quadris -, ficamos com duas alternativas: ou a figura do *homo sapiens-sapiens* na imagem do caminhar evolutivo, longe de ser universal, diz respeito tão somente a um modo peculiar de posicionamentos e gestos corporais, associados particularmente ao habitar europeu; ou os caminhantes japoneses enfocados por Kawada são os verdadeiros “elos-perdidos”, humanos “anatomicamente primitivos”, perambulando pelo Japão em pleno século XX! A resposta é óbvia.

A antropologia, é bem sabido, oferece um infundo compêndio das mais diversas práticas, habilidades, posturas e gestos entre os mais distintos povos. Mauss (2003) chama tal variedade de “técnicas do corpo”. Todas as posturas, proceduralidades e gestos que assumimos, sugere, constituem técnicas educacionalmente transmissíveis e desenvolvidas tacitamente desde a infância. As destrezas e posturas, portanto, longe de serem universais, dependem do contexto cultural. Deste modo, o autor poderia também afirmar que o “humano moderno” figurado no caminhar evolucionário é um militar alemão, cujo “passo de ganso” em marcha era alvo de frequentes zombarias (Ibidem: 416).

Contudo, conforme Ingold (2000), caminhar não se trata nem de uma propriedade inata do organismo e nem

adquirida via transmissão cultural, como um programa computacional cuja a educação opera o “*download*” nos processadores nervosos. Ao invés, trata-se de uma propriedade emergente, sempre dinâmica, ao longo dos afazeres cotidianos. Terrenos, equipamentos, companheiros (humanos ou não, etéreos ou não), tarefas e intemperismos; tudo é implicado na aprendizagem do caminhar. Os pés descalços pisam diretamente no solo, sentindo suas texturas e deixando marcas, instigando um refinamento atencional em relação às nuances do solo. Por outro lado, o pé calçado está separado do solo pelo pavimento e pelas botas. Seus pisos não deixam marcas e seu regime atencional está voltado não às marcas do chão, mas às possíveis obstruções e ao trajeto intencional.

Adotar a concepção educacional do “*download*” é pressupor que a forma do caminhar antecede o processo do caminho; como se a performance prática fosse mera reprodução do planejamento mental (ou esquema cultural). Isso, por sua vez, implica outra inadequada pressuposição: a de que certas partes do corpo sejam de caráter mecânico e, outras, de caráter intelectual. Atenção e ação se dão simultaneamente e não apenas humanos aprendem a caminhar com outras criaturas, mas estas também aprendem a caminhar com humanos. Seu aprendizado e desenvolvimentos, responsivos a mudanças nas condições ambientais, mistura improvisação e imitação (Ingold 2000: 401).

A aprendizagem do caminhar, vimos, implica o treinamento de específicos regimes atencionais-procedurais: o caminhar dos japoneses habitantes de terrenos colinosos e sua responsividade ao solo acidentado; o caminhar dos Van Gujjar e sua responsividade aos terrenos da floresta e montanha, e ao caminhar de seus búfalos, cavalos, ovelhas e cabras; o caminhar dos Ṭcḥo e sua responsividade aos terrenos dos Territórios do Noroeste e às histórias que usam para “pensar com”, correspondentes aos caminhos traçados pelos ancestrais. Cada performance, além de se pautar nos ensinamentos de seus respectivos familiares, professores e ancestrais, se desenvolve em contínuo afinamento em relação ao meio no qual é praticada e em relação aos equipamentos trazidos ao uso.

As características do meio (incluindo relações sociais, topologias, equipamentos...) não incidem, contudo, apenas nos movimentos e gestos performados, mas na própria fisiologia do praticante. Mais estritamente falando, fisiologia e prática constituem a mesma dobra. Toda forma durável, longe de ser

plenamente estacionária, é a cristalização provisória dos fluxos de sua história de vida. O corpo, doravante, encontra-se em constante mudança de acordo tanto com o padrão de atividades cotidianas, quanto com as coisas trazidas ao uso no transcurso das tarefas (Ingold 2000). O uso de sapatos e botas oferece um grande exemplo neste quesito.

Os pés “ocidentais”, acostumados com o enclausuramento das botas, sugere Ingold (2010), tornam-se meras tábuas de carne com dedos retos, pouco espaçados, e cujas capacidades préênsis são atrofiadas ao longo do tempo. Capacidades essas muito bem utilizadas pelos descalços povos coletores e caçadores ao redor do mundo, cuja disposição dos pés e dedos difere marcadamente: escalar árvores, tecer e pegar instrumentos caídos, estão na longa lista de procedimentos realizados com o pé. “Mas, ao invés de ser uma função de um dote anatômico inato”, questiona o autor (Idem: 36), “isso não deve ter mais a ver com seus hábitos de seguirem descalços”?

Mesmo “ocidentais”, portanto, podem desenvolver tais traços. Na ausência de mãos ou braços, por exemplo, as pessoas dão conta de suas tarefas com seus pés para agarrar, prensar, puxar, empurrar e até mesmo pintar, como Linda Riveros, ou tocar um instrumento musical, como Mark Goffeney “*Big Toe*”. Ao mesmo tempo, tais práticas incidem sobre as formas assumidas pelos pés. Fato notável que evidencia o quanto as formas e habilidades, longe de prescritas, são imanentes às sempre dinâmicas relações pelas quais o organismo passa. A forma, longe de preceder o processo de sua geração, emerge com ele (Oyama 2000).

Só em uma superfície retilinearmente pavimentada o “passo de ganso-de-botas” se torna eficazmente possível. Só sendo útil, portanto, no cerne do ambiente tão peculiar que é a malha urbana, onde os apressados cidadãos, flanqueados por prédios, placas e carros, cruzam a cidade sem “perder tempo”, negociando o mais rápido possível suas passagens por entre a multidão e evitando lentidões. A extensão máxima das pernas e a celeridade dos passos correspondem tanto aos esquizofrênicos ritmos do capitalismo contemporâneo, quanto à topologia do pavimento e ao enclausuramento dos pés em botas. Nessas condições, nota Ingold, as pernas do caminhante urbano moderno se reduzem a uma “máquina de passos” [*stepping machine*] e o próprio caminhante se vê transformado em uma espécie de unidade veicular, que não caminha ao longo de trilhas (descobrendo o caminho durante a caminhada), mas

viaja entre séries de pontos de chegada/saída (de percurso já estabelecido via GPS).

Inextricável ao seu contexto, a mecanização do pé e do caminhar resulta do conjunto de transformações associadas à modernidade, “nas modalidades de viagem e transporte, na educação da postura e gesto, na valoração dos sentidos e na arquitetura do ambiente construído – tudo conspirou para emprestar peso prático e experiencial à separação imaginária entre as atividades de uma mente em repouso e um corpo em trânsito” (Ingold 2010: 37). Assim, o projeto de caminhante atrelado à tradição “ocidental” veio a se tornar essa figura perpetuamente dividida entre uma alma cognitiva desencorpada e um par de pés desalmados e relegados ao papel de mera infraestrutura para a superestrutura do intelecto e da cultura.

Processos de Inversão e a Unidade Veicular

Um processo de inversão, de modo geral, é aquele através do qual se divide um “todo” em um “dentro” e um “fora”; refazendo o segundo no primeiro. Quando trocamos o sonoro intemperismo do mundo pelas silenciosas tabelas e categorias que construímos acerca do clima, há um processo de inversão; quando trocamos pessoas por avatares ou o cara-a-cara pelo cara-a-tela, há inversão. Em suma: há inversão sempre que trocamos algo por sua simulação. Neste processo, as linhas de fuga em constante fluxo são capturadas em decalques categoricamente separados e manejáveis (Ingold 2015).

No caso do caminhar, o processo de inversão se projeta no sentido de modelar a experiência com base na divisão imaginária entre caminhante (dentro) e ambiente caminhado (fora), assim como entre cognição (intelectual e interna) e locomoção (mecânica e externa). “Por meio da inversão”, sublinha Ingold (2010: 68), “seres originalmente abertos para o mundo são fechados sobre eles próprios, selados por um limite externo ou casca que protege sua constituição interna de o tráfego de interações com seu entorno”.

As considerações de Goffman (1971 apud Ingold 2010) acerca do caminhar urbano correspondem perfeitamente às características de tal operação. Concebendo o pedestre como um piloto acomodado no interior de um invólucro veicular,

feito de carne e vestes, o autor descreve o caminhar como uma atividade quase exclusivamente visual e que procede essencialmente através de um contínuo escaneamento das áreas alcançadas pelas visões central e periférica. A partir do escaneamento visual o pedestre, transformado em unidade veicular, assume diversos planos e procedimentos de modo que os faça escapar das obstruções: desde ações mais abruptas como parar e tomar outra rua, às ações mais sutis de angular agilmente os passos para poder ultrapassar quem esteja à frente ao mesmo tempo que desvia de quem esteja andando em sentido oposto. A procedência das unidades veiculares de Goffman corresponde ao projeto urbano moderno, cuja dinâmica arquitetônica é pensada sobretudo para instigar o fluxo mais célere possível e dirimir lentidões ou permanências (Augé: 1992).

Mesmo quando se adota uma abordagem pedagógica objetivando despertar as sensibilidades dos aprendizes através da caminhada é possível que sua implementação siga os mesmos parâmetros do caminhar veicular. Um exemplo é oferecido pelos relatos de Elizabeth Curtis (2008) acerca de sua longa experiência como professora no Centro de Educação Ambiental de Aberdeen, cujos projetos integram as atividades do ano escolar. O propósito do Centro é elaborar projetos educacionais que envolvam uma experiência ao ar livre, através de itinerários que chamam a atenção para certos aspectos da história e arquitetura da cidade e arredores.

O resultado não é ruim: de fato as crianças e adolescentes percebem diretamente, dentre outras coisas, os impactos da Segunda Guerra, assim como a presença Vitoriana na arquitetura aos arredores de Aberdeen. Alinhados em pares e tendo a atenção dirigida pelos professores, contudo, atenções e caminhares variantes são tidos como distrações que devem ser banidas em prol do objetivo predeterminado. A caminhada, assim, não é vivida como um aprendizado em movimento, mas apenas como um aspecto secundário para o aprendizado em estacionários pontos de chegada e saída. Assim, a autora ressalta que, durante o caminhar entre os pontos de observação, o aprendizado é “claramente focado nas regras de segurança de trânsito e comportamento razoável” (Ibidem: 154).

Curtis aventa que essa dinâmica sugere a separação entre caminhante (que escaneia estacionariamente o ambiente) e mundo “lá fora” (que deve ser encontrado e registrado, mas

não habitado). O mesmo ocorre no contexto do “passo-de-ganso”, no qual os pés e solo permeáveis são substituídos por botas e pavimentos impermeáveis, fundamentalmente separados. Ambas tendências, vimos, se contrastam com as dos Van Gujjar e Ṭicḥo. A unidade veicular não se atenta às histórias encarnadas nos lugares e nem precisa prestar muita atenção no caminho: os alunos de Aberdeen, desde que sigam seu guia e recobrem a atenção nos pontos fixos, podem passar o resto do percurso completamente vedados ao ambiente e até mesmo ao seu próprio caminhar.

Uma educação da atenção, voltada aos fluxos e entrelaçamentos das linhas do ambiente e do corpo, requerem a prática de uma sensibilidade às sutilezas. Isso demanda um foco e uma demora inviáveis nas dinâmicas do hiperativo capitalismo contemporâneo, onde tudo tem que se dar de antemão. Essas dinâmicas erodem tanto as perspectivas quanto as práticas que constituem um habitar não-dual, que se atente ao fundamento relacional das coisas e à primazia do movimento sobre as formas e categorias fechadas que, por meio de inversões, vedam o ser do mundo e o mundo do ser. Embora o contexto seja desfavorável, está inevitavelmente em nossas mãos, ou, melhor, em nossos pés, o caminho de volta ao mundo e o mundo de volta ao caminho.

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc. 1994. *Não-Lugares: Introdução a Uma Antropologia da Supermodernidade*. São Paulo: Papirus.
- BROWN, Tom. 1978. *The Tracker: The Story of Tom Brown, Jr. as Told by William Jon Watkins*. Nova Iorque, Estados Unidos: Prentice Hall.
- CURTIS, Elizabeth. 2008. “Walking Out of the Classroom: Learning on the Streets of Aberdeen”. In: Tim Ingold e Jo Lee Vergunst. *Ways of Walking*. Burlington, Estados Unidos: Ashgate. p. 143-154.
- DAMÁSIO, António. 2018. *A Estranha Ordem das Coisas: As Origens Biológicas da Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIBSON, James. 2015 [1979]. *The Ecological Approach to Visual Perception*. Nova Iorque, Estados Unidos: Taylor & Francis.

- GOFFMAN, Ervin. 1971. *Relations in Public: Microstudies of the Public Order*. Londres, Reino Unido: Allen Lane.
- GOOCH, Pernille. 2008. “Feet Following Hooves”. In: Tim Ingold e Jo Lee Vergunst. *Ways of Walking*. Burlington, Estados Unidos: Ashgate. p. 67-80.
- INGOLD, Tim. 2015. *The Life of Lines: A World Without Objects*. Londres, Reino Unido; Nova Iorque, Estados Unidos: Taylor & Francis.
- INGOLD, Tim. 2010. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Londres, Reino Unido; Nova Iorque, Estados Unidos: Taylor and Francis.
- INGOLD, Tim. 2000. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. Londres, Reino Unido; Nova Iorque, Estados Unidos: Taylor and Francis.
- KAWADA, Junzo. 1996. “Postures de portage et de travaux manuels – en rapport avec d’autres domaines de la vie japonaise”. *Colloque Culture et Usages du Corps*, Saint Germain en Laye, França. 1-4 de março.
- LEGAT, Alice. 2008. “Walking Stories; Leaving Footprints”. In: Tim Ingold e Jo Lee Vergunst. *Ways of Walking*. Burlington, Estados Unidos: Ashgate. p. 35-50.
- OYAMA, Susan. 2000. *The Ontogeny of Information: Developmental Systems and Evolution*. Cambridge, Inglaterra: Duke University Press.
- MAUSS, Marcel. 2003. “As Técnicas do Corpo”. In: Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. p. 399-422.
- SUZUKI, Tadashi. 1986. *The Way of Acting: The Theatre Writings of Tadashi Suzuki*. Nova Iorque, Estados Unidos: Theatre Communications Group.

Recebido em: 30/03/2021

Aceito em: 20/05/2021